

Kardec e a reencarnação

Muitas pessoas, querendo depreciar o Espiritismo, dizem que a reencarnação, na qual acreditamos, foi tomada do hinduísmo ou de uma crença popular qualquer. Certamente que apelando para o tal de “paganismo”, como se isso fosse o bastante para derrubar a nossa convicção nessa lei divina. Para que fique bem claro, vejamos o que o próprio Kardec disse a esse respeito:

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da justiça de Deus, com respeito aos homens de formação moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. **A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.** (KARDEC, 2006, p. 155, grifo nosso)

O **dogma da reencarnação**, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. **Jamais dissemos que a Doutrina Espírita fosse uma invenção moderna.** Por constituir uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos em provar que se encontram sinais dele na mais remota Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, onde existia desde tempos imemoriais. **A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar**, admitida pelos homens mais eminentes. De que maneira chegou até eles? Por uma revelação, ou por intuição? Não o sabemos. Mas, seja como for, uma ideia não atravessa os séculos e nem é aceita pelas inteligências de escol, se não contiver algo de sério. **Assim, a antiguidade dessa doutrina seria mais uma prova a seu favor do que uma objeção.** Todavia, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação há, como também se sabe, uma grande diferença: a de os **Espíritos rejeitarem de maneira absoluta a transmigração da alma do homem para os animais e vice-versa.** (KARDEC, 2006, p. 177, grifo nosso)

Vós estáveis, sem dúvida, dizem também alguns contraditores, imbuídos dessas ideias, e eis porque os Espíritos se aterraram à vossa maneira de ver. Aí está um erro que prova, uma vez mais, o perigo dos julgamentos apressados e sem exame. Se essas pessoas tivessem se dado ao trabalho de lerem o que escrevemos sobre o Espiritismo, teriam se poupado apenas de uma objeção feita muito levemente. Repetiremos, pois, o que dissemos a esse respeito, saber que, quando a **doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, ela estava tão longe do nosso pensamento**, que tínhamos feito, sobre os antecedentes da alma um sistema diferente, de resto, partilhado por muitas pessoas. A doutrina dos Espíritos, sob esse assunto, portanto, **nos surpreendeu; diremos mais, contrariou, porque derrubou as nossas próprias ideias**; ela estava longe, como se vê, de ser-lhe o reflexo. Isso não é tudo; não cedemos ao primeiro choque; combatemos, **defendemos a nossa opinião, levantamos objeções, e não nos rendemos senão à evidência**, e quando vimos a insuficiência do nosso sistema para resolver todas as questões que esse assunto levanta. (KARDEC, 2001a, p. 295-296, grifo

nosso)

Raciocinamos, como dissemos, abstração feita de todo ensino espírita que, para certas pessoas não é uma autoridade. Se nós, e tantos outros, **adotamos a opinião da pluralidade das existências, não foi somente porque ela nos veio dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica, e que só ela resolve as questões até agora insolúveis.** Se viesse se um simples mortal e a adotaríamos do mesmo modo, e não hesitaríamos antes em renunciar às nossas próprias ideias; do momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar obstinando-se numa ideia falsa. **Do mesmo modo, teríamos repellido, embora vinda dos Espíritos, se ela nos parecesse contrária à razão, como as repelimos muitas outras,** porque sabemos, por experiência, que **não é preciso aceitar cegamente tudo o que vem de sua parte,** não mais do que vem da parte dos homens. (KARDEC, 2001a, p. 301-302, grifo nosso)

Temos, pois, como se vê, muitos motivos para não aceitarmos, levemente, todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando uma nos surge, nos limitamos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deslumbrarmos pela imponência de nomes pomposos; nós a examinamos como se ela emanasse de um simples mortal, e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades. **Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação que não adotamos, embora vinda dos Espíritos, senão depois de reconhecer que só ela, mas só ela, podia resolver o que nenhuma filosofia ainda não resolvera, e isso abstração feita das provas materiais que dela são dadas, cada dia, a nós e a muitos outros.** Pouco nos importa, pois, os contraditores, fossem eles mesmo Espíritos; desde que ela é lógica, conforme a justiça de Deus; que eles não podem substituí-la por algo mais satisfatório, não nos inquietamos mais com eles do que com aqueles que afirmam que a Terra não gira ao redor do Sol – porque há Espíritos dessa força e que se dão por sábios – ou que pretendem que o homem tenha vindo inteiramente formado de um outro mundo, carregado nas costas de um elefante alado. (KARDEC, 2000, p. 108-109, grifo nosso)

O próprio princípio da reencarnação que tinha, no primeiro momento, encontrado mais contraditores, porque não era compreendido, hoje é aceito pela força da evidência, e porque todo homem que pensa nele reconhece a única solução possível dos maiores problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação, para-se a cada passo, tudo é caos e confusão; com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da maneira mais racional; se ela encontra ainda alguns adversários, mais sistemáticos do que lógicos, o número deles é muito restrito; ora, quem a inventou? Não foi, seguramente, nem vós e nem eu; ela nos foi ensinada, nós a aceitamos, eis tudo o que fizemos. De todos os sistemas que surgiram no princípio, bem poucos sobrevivem hoje, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, sobretudo, entre as pessoas que julgam sob um primeiro aspecto, e, frequentemente, segundo ideias preconcebidas ou preconceitos; mas é evidente agora que, quem se dá ao trabalho de aprofundar todas as questões e julga friamente, sem prevenção, sem hostilidade sistemática, sobretudo, é invencivelmente conduzido, pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que prevalece hoje, pode-se dizer, em todos os países do mundo. (KARDEC, 1993, p. 135-136, grifo nosso)

Temos, então, acima, os motivos que levaram Kardec a aceitar a reencarnação,

o que indica, certamente, que não foi buscá-la no hinduísmo, conforme querem fazer crer os que, na falta de bons argumentos, tentam levar as coisas para o lado do paganismo, com o objetivo de liquidar a questão, como se o hinduísmo fosse uma religião de matriz pagã.

Por outro lado, fica aí registrada mais uma prova concreta de que os que assim agem nada sabem sobre o Espiritismo e nem de outras religiões, fato lamentável para quem se propõe a criticar os outros sem conhecimento de causa.

Kardec coloca a pluralidade das existências como uma doutrina que lhe pareceu mais lógica. E, procurando demonstrar isso, argumentou:

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que se caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2º Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º Onde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4º Onde, em certas crianças, o instituto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, brinquedo da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acrediteis que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em Sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém, todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?

Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio

eles se veem isentos das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento *real* e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porquanto inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução.

Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral. [...] (KARDEC, 2006, p. 147-151)

Eis aí vários questionamentos que os antirreencarnacionistas, sejam os de fé cega, sejam os ateus, não são capazes de responder tendo-se como base a lógica e a razão. Aliás, negar uma coisa é mil vezes mais fácil do que provar o que se fala.

Como essas críticas já existiam em seu tempo, Kardec não deixou de responder a essa acusação de que a reencarnação não seria senão uma renovação da doutrina da metempsicose de Pitágoras. Também a isso rebateu dizendo:

A metempsicose dos antigos consistia na transmigração da alma do homem nos animais, o que implicava uma degradação. Demais, essa doutrina não era o que se vulgarmente se crê. A transmigração pelos corpos dos animais não era considerada como condição inerente à natureza da alma humana, mas como punição temporária; é assim que se admitia que as almas dos assassinos iam habitar os corpos dos animais ferozes, para neles receberem castigos; as dos impudicos, os porcos e javalis; as dos inconstantes e estouvados, as aves; as dos preguiçosos e ignorantes, os animais aquáticos. Depois de alguns milhares de anos, mais ou menos, conforme a culpabilidade, a alma, saindo dessa espécie de prisão, voltava à humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta; ela, como se vê, aliava-se à encarnação humana, e a prova disso é que a punição dos homens tímidos consistia em passar a corpos de mulheres, expostas ao desprezo e às injúrias. Era uma espécie de espantalho para os simples, antes que um artigo de fé para os filósofos. Assim como dizemos às crianças: “Se fordes más, o lobo vos comerá”, os antigos diziam aos criminosos: “Vós vos tornareis em lobos”, e hoje se diz: “O diabo vos agarrará e vos levará para o inferno”.

A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, em não admitir aquele a encarnação da alma humana nos corpos de animais, mesmo como castigo. Os Espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre. **Suas diferentes existências corpóreas se cumprem na humanidade, sendo cada uma um passo que a alma dá na senda do progresso intelectual e moral; o que é coisa muito diversa da metempsicose.**

Não podendo adquirir um desenvolvimento completo em uma só existência, muitas vezes abreviada por causas acidentais, Deus lhe permite continuar, em uma nova encarnação, o que ela não pôde acabar em outra, ou de recomeçar o que fez errado. A expiação na vida corporal consiste nas tribulações que nela sofremos.

Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências da alma é ou não contrária a certos dogmas da Igreja, limito-me a dizer o seguinte:

Ou a reencarnação existe, ou não; se existe, é uma lei da Natureza. Para provar que ela não existe, seria necessário demonstrar que vai de encontro, não aos dogmas, mas a essas leis, e que há outra mais clara e logicamente melhor que ela, explicando as questões que só ela pode resolver. Além disso, é fácil demonstrar que certos dogmas encontram nela sanção racional, hoje aceitos por aqueles que os repeliam outrora, por falta de compreensão. Não se trata, pois, de destruir, mas de interpretar; é o que pela força das coisas será feito mais tarde.

Aqueles que não queiram aceitar a interpretação ficam perfeitamente livres, como ainda hoje o são, de crer que é o Sol que gira ao redor da Terra. A ideia da pluralidade das existências se vulgariza com pasmosa rapidez, em razão de sua extrema lógica e conformidade com a justiça de Deus. Quando ela for reconhecida como verdade natural e for aceita por todos, que fará a Igreja?

Em resumo: **a reencarnação não é um sistema imaginado pelas necessidades de um ideal**, nem uma opinião pessoal; é ou não um fato. *Se está demonstrado que certos efeitos existentes são materialmente impossíveis sem a reencarnação, é preciso admitirmos que elas são a consequência desta; logo, se está em a Natureza, não pode ser anulada por uma opinião contrária.* (KARDEC, 2001b, p. 142-143, grifo nosso)

Com isso, Kardec fecha a questão quanto à origem de sua convicção sobre a reencarnação, evidenciando que, para sustentá-la, usou a razão e a lógica; não a fé cega e dogmática, imposta por dirigentes de determinados ramos ditos cristãos, visando seus próprios interesses.

No mês de dezembro de 1859, Kardec coloca na *Revista Espírita* um artigo intitulado “Doutrina da reencarnação entre os hindus”, que tem origem numa nota comunicada à Sociedade pelo Senhor Tug..., do qual destacamos este trecho:

Assim, **segundo os Hindus, as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas, e sua queda foi o resultado de uma rebelião; sua encarnação no corpo de animais é uma punição. Segundo a Doutrina Espírita, as almas foram, e são ainda, criadas simples e ignorantes, e é por encarnações sucessivas que elas alcançam, graças aos seus esforços e à misericórdia divina, uma perfeição que pode dar-lhes, só ela, a felicidade eterna.** A alma, devendo progredir, pode permanecer estacionária durante um tempo mais ou menos longo, mas não retrograda: o que adquiriu em ciência ou moralidade, não o perde. Se ela não avança, também não recua: por isso não podem retornar animando seres inferiores à Humanidade. Assim, **a metempsicose dos Hindus está fundada sobre o princípio da degradação das almas; a reencarnação, segundo os Espíritos, está fundada sobre o princípio do progresso sucessivo. Segundo os Hindus, a alma começou pela perfeição para chegar à abjeção; a perfeição é o início e a abjeção o resultado. Segundo os Espíritos, a ignorância é o início, a perfeição é o objetivo e o resultado.** Seria supérfluo procurar demonstrar qual das duas doutrinas é a mais racional e dá mais alta ideia da bondade e da justiça de Deus. **É, pois, por uma completa ignorância de seus princípios que algumas pessoas as confundem.** (KARDEC, 1993b, p. 324-325, grifo nosso)

Estão aí as diferenças entre a reencarnação aceita pelos hindus e a preconizada por Kardec na codificação da Doutrina Espírita. É fácil compreender que esta não pode ter tido sua origem naquela, dada essas significativas divergências; os hindus aceitam que os espíritos foram criados perfeitos, enquanto, pelo Espiritismo, eles foram criados simples e ignorantes; dizem que, por punição, podem reencarnar em corpos de animais; porém, segundo a Doutrina Espírita, isso não é possível, porquanto não há como o espírito retrogradar; seu caminho é a ascensão constante, ainda que lenta, até atingir a meta final.

Porém, mesmo que Kardec tivesse adquirido a sua convicção no hinduísmo, isso não seria, para ele e nem para nós, Espíritas, nenhum motivo de vergonha da sua fonte, como o catolicismo e o protestantismo não podem negar serem originários do judaísmo. Assim, mesmo que o Espiritismo tivesse a sua origem no hinduísmo, não teríamos nenhuma reserva em admitir isso, assim como admitimos que a concepção moral do Espiritismo provém do Cristianismo primitivo; isso porque sempre estamos dispostos a assimilar as ideias progressistas, de onde quer ou de que época elas venham, desde que sejam lógicas e morais, já que não nos arvoramos em ser, como disse Kardec, os únicos distribuidores de luz pelo mundo.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
ago/2007
(revisado out/2011)

Referências bibliográficas:

- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993a.

Este texto foi publicado:

- **Revista Espírita Histórica e Filosófica** nº 18. Porto Alegre: GEFE, nov/2011, p. 4-11.